

«Nous sommes sans doute nombreux à chercher des voies nouvelles au service du plus humain en l'humain... N'hésitez pas à aller faire un tour chez des ami-es : chacune et chacun avec leur don propre, ils servent la parole. Au sens le plus large...»
Maurice Bellet, <http://belletmaurice.blogspot.pt>

PRESENTES

Alice Fernandes, Domingas Vasconcelos, Fátima Grácio, Isabel Varandas, Lucinda Saldanha, Marijke de Köning, Teresa Castro, Sónia Rodrigues

AÇÃO

Encontro de oração da quadra natalícia

Acolhimento

E-mail da Marijke a apresentar a Lucinda

A Lucinda ainda está no norte mas vai em breve iniciar um ano de trabalho no Terraço, com uma bolsa de voluntariado.

É de Gulpilhares. Este ano esteve na Roménia e na Lituânia em programas europeus de voluntariado. No verão participou no programa Mulheres, Teologia e Mística na Golegã onde já teve a oportunidade de conhecer algumas pessoas do Graal. Esteve há dias no encontro de Taizé em Estrasburgo. É psicóloga.

Vejam algo mais sobre a Lucinda e a sua rede TEIA nos seguintes links.

<https://pt-pt.facebook.com/lucinda.Saldanha>

<https://pt-pt.facebook.com/pages/TEIA-Rede-Comunit%C3%A1ria/341029516013616>

Quem é quem?

Lucinda:

Alice: ???

Isabel: Veio até ao Graal-Porto através da Alice, no já longínquo ano de 1993 (mais ou menos). Conhecer e conversar com a Maria de Lourdes Pintasilgo foi um marco, tal como participar no grupo de pertença do Porto com as presenças sólidas e amigas da Fátima e Marijke, nos encontros na Rua de São Crispim e, depois, em Sto. António das Antas. Participou no importante encontro com o Graal da Suécia, em Sigtuna, e depois em encontros Lien, no projecto Intercidades, no trajeto “Dire” e em muitos outros momentos deste caminho de procura e inquietação, até agora com o Grupo de Pertença do Porto.

Teresa: ???

Domingas: começou a participar nos encontros do grupo de pertença do Porto a convite da Alice e da Isabel. Esteve em reuniões na rua de S. Crispim e do Cunha. Conheceu Maria de Lurdes Pintasilgo com que viveu uma viagem-aventura em busca da arte de algumas igrejas a propósito dos vitrais desenhados pela Alice. Gosta de saber que há quem queira “Cuidar o Futuro” e de estar com algumas dessas!

Sónia: integrou o grupo de pertença do Porto em 1996, a convite da Alexandra Conceição, no ano em que se fez a leitura coletiva e partilhada do livro *Credo*, de Hans Küng – esse projeto chamava-se Intercidades, uma vez que os encontros eram mensais alternados entre a cidade do Porto (rua de S. Crispim) e a de Coimbra. Depois desse projeto, sucederam-se muitos outros, sempre marcantes, impulsionadores de crescimento da consciência social e cívica, além de aprofundamento espiritual (projeto *Dire ou la vérité improvisée*, de Maurice Bellet, por exemplo).

Ler para dizer🕯️ **Leitura em voz alta de uma passagem do livro *À espera de Deus*, de Simone Weil**

Não é apenas o amor a Deus que tem por substância a atenção. O amor ao próximo, que sabemos ser o mesmo amor, é feito da mesma substância. Os infelizes não precisam de outra coisa neste mundo que de homens capazes de lhes prestarem atenção. A capacidade de prestar atenção a um infeliz é uma coisa muito rara, muito difícil, é quase um milagre; é um milagre. Quase todos os que creem ter esta capacidade não a têm. O calor, o ímpeto do coração, a piedade não são suficientes.

Na primeira lenda do Graal, diz-se que o Graal, pedra miraculosa que por virtude da hóstia consagrada sacia toda a fome, pertence a quem primeiramente disser ao guardião da pedra, rei paralisado em três quartos pela mais dolorosa ferida: Qual é o teu tormento?

A plenitude do amor ao próximo é simplesmente ser capaz de lhe perguntar: Qual é o teu tormento?

🕯️ **Dizer**

Cada uma disse em voz alta os pensamentos que a leitura despertou. Deixa-se a cada uma a possibilidade de os escrever aqui.

Alice –

Lucinda –

Teresa –

Domingas – Atenção! Será isso que Jesus quis dizer quando ouvimos ler “Vigiai” ? às tantas é isso e a tradução não ajuda. É bonito – e útil – viver o amor como atenção ao que me está próximo. Simplesmente. E poder contar com tantas atenções. Para dar conta delas é preciso, uma vez mais, atenção a quem nos dá! 😊

Sónia – As palavras de Simone Weil interpelam-me. Fazem-me pensar no meu dia-a-dia. As convenções sociais e as tarefas a realizar impulsionam-nos fortemente para uma proximidade superficial ao outro. Até onde se pode perguntar sem invadir a privacidade? Em que momento é oportuno perguntar? Limitamo-nos, por isso, a perguntas de cortesia – “Está tudo bem?” – e a respostas de circunstância – “Olá. Tudo bem.” E, por vezes, nada está bem.

É nesse plano de superficialidade que as relações diárias acontecem frequentemente. Deste modo, o ritmo do dia não se interrompe nem se altera e a nossa agenda diária cumpre-se. Mas o que fica para trás?

Por vezes, há alguém que nos interrompe nessa pressa diária, olha-nos diretamente nos olhos e pergunta ‘Qual é o teu tormento?’ Nesse momento, sentimo-nos existir para alguém, deixamos de ser invisíveis na dor silenciada e ficamos gratos.

Tive essa experiência um dia em que acompanhava o Emídio aos tratamentos hospitalares, no período mais grave da doença prolongada que o vitimou. Havia meses que continha a dor e as lágrimas, porque era necessário estar otimista e manter a confiança nos tratamentos médicos. O sofrimento era cada vez mais intenso e cada vez mais interior e silencioso. Não importava nada o que eu sentia, o

importante era o Emídio, cuidar dele, estar atenta ao que ele sentia. Naquele dia, acompanhei-o até à sala da recolha de amostra para a análise. Depois de o entregar à enfermeira, retirei-me e deixei-me ficar no corredor, encostada a uma janela larga, a olhar para o exterior. Alguém me tocou de leve no ombro, como a chamar-me. Quando me virei, vi a enfermeira e alarmei-me – teria acontecido alguma coisa imprevista ao Emídio? A enfermeira fez um sorriso doce e brando. Disse-me: «Está a precisar de falar, não está? Quer falar comigo?» Ainda sinto uma gratidão infindável por aquela enfermeira de quem não fixe sequer o rosto. Senti a presença de Deus naquele momento.

Marijke –

Fátima – Atenção a tudo aquilo que nos vai acontecendo no dia-a-dia. É um grande exercício porque é nesse tecido que descobrimos grandes intuições, por vezes perdidas porque não acreditamos nelas, e onde a nossa vida se vai organizando. É vital fazermos a ligação de tudo. Nada acontece sem a nossa intervenção.

Isabel –

Ler para fazer laços

Como Desabitado, o Coração

Podem acontecer, e então a música
decerto estará lá.
as palavras surgirão então, o sol, o girassol, a luz
que gira em torno do eixo feito de outra luz.
Poderia ser Deus, ou paz.
Sentir. E de repente o mundo acontecer,
o milagre do mundo a acontecer –

(...) surgirão as palavras a seguir,
tão lisas e potentes como a música.

Serão como a beleza das pirâmides, a
perfeição: onde pequeno seixo atravessado em falha?
Onde folha finíssima por entre as pedras, as siamesas pedras,
resistentes ao vento e ao deserto, a sua forma, a esplêndida,
a forma mais capaz de resolver enigmas?
Nessa folha finíssima, ou na pedra:
O mais puro milagre
(...)
E o reconcerto abate-se na luz,
e um dedo basta para o reconforto. Um dedo.
As suas veias. Fio de cabelo ou pena de pavão
tornam-se sons, leve ponto de açúcar, se o vento de galáxia
os amacia.

Podem, então, em longo
desconcerto.

E encostada à música, essa palavra nova nascerá:

Rota dos olhos que não viram nada,
Mas com peixes ao fundo, multiformes,
A voz sem palco e tudo a acontecer –

como primeira vez –

Ana Luísa Amaral (2009). *Se eu fosse um intervalo*. Lisboa: Dom Quixote.

Próximo encontro: sábado, 15 de fevereiro, às 17h.